

## Opinião

## Optimismo

**Henrique Diz**  
Professor  
Catedrático



**A** semana que decorreu trouxe, aparentemente, boas notícias. A confiança dos consumidores está em alta, as perspetivas das empresas parecem animadoras, o desemprego continua a sua marcha descendente, anuncia-se um deficit de 2,3%. Esperava, por isso, trompetas no céu a anunciar a boa nova, loas à grande capacidade revelada pelo executivo para acabar com a austeridade e, em simultâneo, retirar o país do procedimento de deficit excessivo, conseguindo o menor diferencial no deve e haver das contas do Estado desde há imensos anos. Claro que, ao lado de todas estas vitórias, a alteração provocada nas relações internacionais pelas primeiras medidas do senhor Trump, o novo Presidente dos Estados Unidos, com a implementação de legislação de crescente isolamento político e económico, não tem qualquer relevância. Tal como o Brexit e a convulsão que vai provocar. Só os pessimistas podem acreditar que estes pormenores têm qualquer importância e poderão afetar o “extraordinário” desempenho da Nação Portuguesa. Mas eis que...

Eu nem queria acreditar. Ao ler os jornais, tarefa que me ocupa algumas horas por dia, deparei-me com elogios rasgados à formidável equipa de António Costa e à responsabilidade dos seus parceiros, mas antes com palavras a recomendar precaução. Tive que ler várias vezes alguns dos artigos de declarados apoiantes do executivo e da solução de governo encontrada para ter a certeza que não me tinha enganado

nos autores. Atónito, não deixei de perguntar a mim mesmo o que se teria passado para justificar a aceitação das objeções que um grupo de incrédulos, nos quais me incluo, desculpem lá os leitores, têm andado a levantar. Por que motivos vozes que sempre disseram que as medidas em curso tinham conduzido a resultados excecionais de que nos deveríamos todos orgulhar – todos, não, porque sempre há os velhos do Restelo, como eu, repito – mudaram o rumo da interpretação dos factos e resolveram lançar avisos a navegação?

E depois surgem os argumentos já aqui tantas vezes utilizados, mas que sempre tinham sido ignorados pelos mais ilustres defensores do status quo. Ora vamos lá. Afinal, o extraordinário desempenho das contas públicas deve-se a um conjunto de medidas que, essas sim, são extraordinárias. A começar pelo plano que conduziu ao perdão fiscal, medida que nunca tinha sido bem vista pela esquerda portuguesa, desde que fosse a direita a aplicá-la, mas que, vindo agora do PS e seus “compagnons de route” é de grande genialidade. Maior génio ainda quando verificamos que se conseguem contabilizar totalmente verbas que não entram agora nos cofres públicos, mas que serão repartidas pelos anos de vigência do programa. Fantástico. Mais fantástico ainda é ouvir o Senhor Ministro das Finanças afirmar que o perdão, com este ou outro nome, não é uma medida extraordinária. Porque, se assim for, não vale a pena os portugueses pagarem regularmente os seus impostos. Antes devem esperar pelo perdão fiscal do ano que vem. Ou não vai existir, confirmando, assim, o carácter extraordinário da medida? Segunda ajuda: as cativações, isto é, a proibição de realizar despesa prevista no Orçamento de Estado. Por outras palavras, a austeridade tão criticada, se aplicada pelo governo anterior. O truque é simples: prevêem-se despesas no OE, para conten-

tar a clientela. E depois, de mansinho, não se permite que ela seja efetuada, adiando-se para as calendas Fosse Passos Coelho a fazer isso e teríamos o PS, o PCP e o BE a fazer manifestações todos os dias. Porque lhe faltava o virtuosismo da esquerda. A minha pergunta é: isto não é uma medida extraordinária? Ou vai tornar-se hábito o Orçamento de Estado ser um documento de ficção, longe da realidade, com prévio conhecimento de todos? Faz-se para se calarem as pessoas, mas depois atua-se como se não existisse. Terceira ajuda. A reavaliação dos ativos das empresas. Esta medida também não é extraordinária? Não vejo como possa ser retomada todos os anos, mas sei lá. Quarta ajuda: contração do investimento público para níveis não vistos há dezenas de anos. Mas, na opinião do PS e dos partidos que suportam o executivo não é o investimento público a garantia do crescimento, algo fundamental à economia? Quando mudaram de ideias? Quinta ajuda: tão perigosa como a anterior, mas revelando muito mais imaginação: não se contabilizam despesas públicas realizadas, para parecer tudo muito bonito. Inventam-se coisas como consignações de materiais que já foram utilizados, algo que deve dar uns cabelos brancos e umas noites sem dormir a alguns técnicos e revisores oficiais de contas. Sexta ajuda: a recapitalização da Caixa Geral de Depósitos, a tal que já deveria ter sido feita e de que o PSD e o CDS maldosamente, descuidadamente, tinham fugido com inúmeros prejuízos para a economia nacional, essa mesma, foi afinal adiada para 2017. Acabou o sentido de urgência, sabe-se lá por que arte milagrosa. Um dia destes celebrou-se o dia mundial dos magicos, deve ter sido por isso.

Quanto ao emprego, só tenho três perguntas a fazer: agora já não interessa a qualidade do emprego? Agora já não interessa que os empregos criados sejam precários? Agora já não

interessa que os salários dos novos empregos sejam reduzidos?

O mesmo tipo de perguntas se pode aplicar ao crescimento económico. Qual é o valor previsto para 2016? Qual foi o valor em 2015? Não me digam que tinha sido mais elevado. Então por que motivo este é bom e o outro tinha sido mau? Só porque o governo é diferente? Por outro lado, não seria honesto reconhecer, por exemplo, que a enorme contribuição que o turismo deu para o crescimento económico tem a ver com as medidas tomadas pelo governo anterior e não com este? E que há fatores conjunturais externos favoráveis e independentes do executivo português?

Finalmente, e para concluir a nossa visão otimista das coisas. Mesmo os maiores defensores do governo são obrigados a aceitar a realidade dos aumentos de juros da dívida pública portuguesa de prazos mais longos. Pois bem, a desculpa de que isso está a acontecer com todos os países é de mau pagador. Olhem para Espanha, Irlanda e, já agora, Alemanha e tiremos as devidas conclusões.

*Este artigo foi escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico*

”

**Mais fantástico ainda é ouvir o Senhor Ministro das Finanças afirmar que o perdão, com este ou outro nome, não é uma medida extraordinária**

## Consulta de Enfermagem em Oncologia – uma mais-valia

*“Se falares a um homem numa linguagem que ele compreenda a tua mensagem entra na sua cabeça. Se lhe falares na sua própria linguagem a tua mensagem entra-lhe directamente no coração”.*

*Nelson Mandela*

O cancro é uma das doenças do presente e do futuro que requer uma abordagem multidisciplinar nas estruturas de saúde que adapte cada vez mais os cuidados às necessidades dos doentes centrando-se nos seus valores pessoais, estilos de vida, tradições e cultura.

A vivência da doença oncológica não é só um acontecimento individual, mas também familiar e social, uma vez que o seu impacto afecta a dinâmica familiar (sobrecarga física, económica, emocional e social), os papéis e os relaciona-

mentos dos membros de toda a família. O doente oncológico e família vivenciam um percurso que contempla os espaços hospitalares, tempos de espera, protocolos terapêuticos, efeitos dos tratamentos, procedimentos de diagnóstico e constantemente a ameaça da morte.

Com o objectivo de melhorar o acompanhamento dos doentes submetidos a tratamentos de quimioterapia no hospital de dia de oncologia (HDO) do Centro Hospitalar Baixo Vouga – Aveiro (CHBV) foi implementada a consulta de enfermagem em 2009.

No ano de 2016 no HDO realizaram-se 2445 consultas de enfermagem a cerca de 465 doentes.

Esta consulta oncológica detém um conhecimento técnico-científico complexo, direccionado para o doente e família, associado a uma imprevisibilidade ditada pelos efeitos secundários comuns ao tratamento. Os mais referidos

são a fadiga, falta de apetite, náuseas, vómitos, diarreia, alteração da imagem corporal e a queda de cabelo. A nossa consulta e direccionada para minimizar estes efeitos secundários, através da informação e educação do doente e família. Oferecemos, ainda um livro de apoio, assim como um contacto telefónico do serviço para esclarecer dúvidas que surjam durante este processo. No entanto, esta consulta não é feita apenas de processos técnicos, é construída com emoções, lágrimas e confidências. É muitas vezes designada pelos nossos doentes como “confessionário”, permitindo que expressem medos, tristezas, angústias, alegrias e vitórias no seu contexto pessoal, familiar e social. A comunicação é um dos agentes terapêuticos mais poderosos que utilizamos através de atitudes como ouvir, explicar, clarificar, observar e orientar. Lembrando que estamos “cá” para o doente e pelo

doente, pretendemos reduzir as incertezas e promover uma melhor adesão ao tratamento.

Ao longo destes anos acreditamos que esta consulta de enfermagem, permite reduzir o número de consultas não programadas e entradas no serviço de urgência, desmistificar crenças e mitos associados à quimioterapia, promover a adesão ao tratamento e, enfim, melhorar a qualidade de vida do doente e da sua família.

A consulta de enfermagem em Oncologia é o “momento” em que estabelecemos uma parceria com o doente/família e que se torna primordial para a satisfação do doente relativa aos cuidados, a tomada de decisão partilhada na gestão da doença e acima de tudo a melhoria da qualidade de vida.

**A equipa de Enfermagem do Hospital de Dia de Oncologia do CHBV**